

Em 2022, nossas resoluções de conjuntura já apontavam tendências do que seria o governo de frente ampla, Lula 3. Indicamos que o governo adotaria medidas de arrocho fiscal, dando continuidade às políticas de austeridade de Temer e Bolsonaro, optando pela coalizão com amplos setores da direita para a sustentação da governabilidade. Essas decisões dificultariam a implementação de políticas sociais, tanto pela falta de recursos quanto pelas limitações legais e políticas produzidas no último período no Brasil.

Esses processos de cortes e congelamentos de investimentos nas políticas públicas fundamentam a piora da qualidade de vida da população, mantendo a educação superior um espaço inacessível e de difícil permanência para os filhos da classe trabalhadora, consolida a educação básica como uma ferramenta de formação de mão de obra barata para o capital e constrói um terreno fértil para a extrema direita, que vende “soluções” simples para problemas complexos.

Para alguns setores da esquerda, este governo ainda está em disputa. No entanto, os setores do capital financeiro, do agronegócio e a direita fisiológica exercem mais influência do que as forças progressistas. Neste sentido, defendemos a independência dos movimentos sociais em relação ao governo e avaliamos que posições como as do campo da Juventude Sem Medo nos espaços deliberativos da UNE, estão equivocadas, pois apostam todas as fichas nas medidas institucionais para derrotar o avanço da extrema direita e optam por defender uma unidade das esquerdas orientada pelo rebaixamento programático e pela adesão ao reformismo lulopetista.

A extrema direita segue sendo uma força política com influência social e atua como o principal polo de oposição ao governo Lula. Nas eleições municipais, obteve vitórias políticas e eleitorais históricas e importantes para serem analisadas, fortalecendo-se para a disputa presidencial de 2026 lançando vários novos quadros políticos, mostrando mais uma vez a sua eficácia em renovação de quadros e atualizações de suas metodologias de comunicação, liderando os rankings de engajamento nas redes sociais, mantendo relação com seus eleitores para a próxima eleição presidencial.

Desde 2008, o capitalismo enfrenta mais uma crise que impacta todos os países, essa crise se manifesta de formas múltiplas, gerando a profunda piora na qualidade de vida da população e colocando em xeque experiências de governo que apostaram no reformismo, na conciliação de classes e no abandono de projetos anticapitalistas. Os governos Lula e Dilma apostaram na conciliação de classes e em avanços pontuais em políticas sociais, que logo foram destruídos após o golpe de 2016. Foi nesse cenário de desesperança que Jair Bolsonaro e sua tropa conseguiram canalizar a insatisfação da população e se vender como uma alternativa radical em 2018.

Para os povos indígenas o governo segue sendo uma verdadeira decepção, pois Lula prometeu a garantia dos direitos dos povos originários, mas vem faltando com esse comprometimento colocado na época de campanha, tendo uma postura totalmente passiva aos crimes hediondos cometidos aos povos mais afastados das cidades.

O enfrentamento da extrema direita exige a disputa da consciência popular, pois existe disputa sobre as condições das vidas no planeta terra, mesmo que existam vastas comprovações científicas que indicam a emergência climática em curso, temos o negacionismo climático e ambiental, o mundo passando por extremos climáticos e ambientais, e a extrema direita engajando nas redes sociais e sistemas de comunicações que “emergência climática não existe”. Sendo que na realidade vemos a intensificação do racismo estrutural se traduzindo no racismo ambiental, afetando principalmente pessoas racializadas, mulheres, pessoas LGBTQIAPN+ e damos destaque às pessoas trans que constantemente já se encontram em sua maioria em vulnerabilidade social.

Vemos cotidianamente a guerra às drogas fomentando o genocídio da população periférica no Brasil, causando a principal forma de encarceramento em massa da população racializada e periférica tomando como exemplo a maconha que é uma planta que quando bem tratada e conduzida, e chamada de “cannabis medicinal” serve como um excelente remédio para epilepsia, dor crônica, esclerose múltipla, transtornos de ansiedade e outras doenças, demonstrando mais uma vez o negacionismo conformado do capitalismo em prol de uma contínua perseguição aos corpos periféricos.

Não há como combater o fisiologismo do Congresso Nacional sem o povo nas ruas, atos massivos e combativos. A grande tarefa da juventude revolucionária neste momento, é a participação efetiva nas lutas socioambientais contra o grande capital, que avança sobre os territórios e deixa um rastro de morte e destruição. Neste sentido, as lutas socioambientais e econômicas travadas pelas juventudes e pela classe trabalhadora precisam ser orientadas pelos conhecimentos e saberes acumulados pelos povos tradicionais e pelos movimentos sociais.